



CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESCRITORES EM DEFESA DA CULTURA. PARIS 1935 INTERVENÇÃO DE BRECHT¹

Tradução: Iná Camargo COSTA²

Camaradas:

Sem pretender dizer nada de particularmente novo, gostaria de falar alguma coisa sobre a luta contra aquelas forças que atualmente se mostram dispostas a afogar em sangue e lama toda a cultura ocidental, ou o que resta dela depois de um século de exploração. Gostaria apenas de chamar sua atenção para um ponto que em minha opinião precisa ser esclarecido, se quisermos combater essas forças com eficácia e, sobretudo, até sua extinção.

Os escritores que sofrem na própria carne, ou na alheia, o horror do fascismo e estão em pânico, não têm condições, além da experiência e do pânico, de combater esta abominação. Talvez muitos acreditem que basta descrevê-la, sobretudo se um grande talento literário e uma cólera autêntica produzirem um retrato penetrante. A bem da verdade, estes relatos são importantes. Estão acontecendo atrocidades e isto não pode ser. As pessoas são espancadas e isto não deve ocorrer. Não há o que debater: ataquemos logo de uma vez e detenhamos os perseguidores de um só golpe.

Camaradas, os debates são necessários.

Pode haver um ataque [aos assassinos] e isto não é tão grave. Mas logo aparece quem pregue ataque imediato e isto já é mais grave. A cólera explodiu, o adversário foi identificado, mas como derrubá-lo? O escritor pode dizer que seu compromisso é denunciar a injustiça e fica a cargo do leitor acabar com ela. Mas neste caso o escritor fará uma experiência singular. Vai descobrir que a cólera, assim como a compaixão, é algo grandioso, da ordem da quantidade, e pode se esgotar. Ainda pior: esgota-se

¹ BRECHT, Bertolt. *El compromiso en literatura y arte*. Org. Werner Hecht. Barcelona: Península, 1973, pp. 172-177.

² Professora aposentada da Universidade de São Paulo. Texto cedido à revista pela autora, que recebe os agradecimentos da Comissão Editorial.



quando se faz mais necessária. Alguns camaradas me disseram: quando contamos pela primeira vez que nossos amigos estavam sendo massacrados, houve um clamor horrorizado e muita ajuda foi oferecida. Falava-se em cem mortes. Mas quando os mortos chegaram a mil e a carnificina parecia não ter fim, sobreveio o silêncio e a ajuda foi diminuindo. As coisas são assim: “Quando os crimes proliferam, tornam-se invisíveis. Quando as dores se tornam insuportáveis, não mais se ouvem os clamores. Um homem é espancado e o espectador da cena desmaia. Claro que é natural. Quando o crime sobrevém como a chuva que cai, ninguém mais grita *chega*.”

Pois bem, assim são as coisas. Como consertá-las? Não existe um meio de impedir que o homem volte as costas à abominação? E por que vira a cabeça? Vira a cabeça porque não vê nenhuma possibilidade de intervir. O homem não se detém na dor do outro quando não pode ajudar. É possível deter o golpe quando se sabe quando, de onde, por que e para que vem. Mas quando se pode deter o golpe, quando existe a possibilidade, por mínima que seja, de o deter, então se pode sentir compaixão pela vítima. Se não for assim, também se pode sentir compaixão, mas não por muito tempo; em todo caso, não por todo o tempo em que a vítima é golpeada. Portanto, pergunto: Por que se dá o golpe? Por que são jogados fora, como se fossem lastro, os restos de cultura que nos sobraram? Por que a vida de milhões de seres, da maioria dos seres, é tão depauperada, tão destituída, semi ou totalmente destruída?

Alguns dentre nós respondem: por selvageria. Acreditam estar vivendo uma terrível erupção, em uma parte cada vez maior da humanidade, de um fenômeno horripilante sem causas aparentes, que aparece de repente e, talvez, espera-se, também desapareça de repente esse surto impetuoso de uma barbárie por muito tempo sufocada ou adormecida, de natureza instintiva.

Os que assim respondem, naturalmente, se dão conta por si mesmos de que tal resposta é insuficiente. E também se dão conta de que não se pode naturalizar a selvageria, dar-lhe o caráter de força infernal invencível.

Falam também de negligência na educação. Alguma coisa teria sido negligenciada ou mal feita e às pressas. Agora seria preciso recuperar o que se perdeu. Contra o estado selvagem, seria preciso implantar a bondade. Evocar belas palavras, as palavras mágicas que um dia foram úteis, os conceitos imperecíveis: amor, liberdade, dignidade, justiça, todos de eficácia historicamente garantida. E empregam-se as grandes fórmulas. Que acontece? À alusão de que o fascismo é selvagem, alguém



responde com um elogio fanático à selvageria. O acusado de fanático responde com um elogio ao fanatismo. À acusação de que vilipendia a razão, o acusado condena alegremente a razão.

Também o fascismo denuncia o descuido da educação. Espera muito de uma influência sobre os cérebros e um fortalecimento dos corações. Às brutalidades de seus porões de tortura, acrescenta as de suas escolas, jornais e teatros. Educa a nação inteira, e o faz sem descanso. Como não tem muito o que oferecer à grande maioria, tem que educar muito. Como não dá comida, educa para a autodisciplina. Como é incapaz de pôr ordem na produção e precisa da guerra, educa para a força física. Precisa de vítimas, e por isso tem que inculcar nas pessoas o espírito de sacrifício. Também ideais, postulados lançados aos homens, alguns inclusive são grandes ideais, grandes postulados.

Pois bem: sabemos para que servem esses ideais, quem educa e a quem será útil essa educação – não aos educandos. O que acontece com nossos ideais? Também aqueles entre nós que veem a origem de todos os males na selvageria, na barbárie, só falam, como pudemos comprovar, de educação, de intervir nos espíritos – e não falam em nenhum outro tipo de intervenção. Falam de educar para a bondade. Mas a bondade não surgirá da exigência de bondade, de exigí-la em quaisquer condições, *inclusive as piores*, assim como a brutalidade não surge da brutalidade.

De minha parte, eu não acredito em brutalidade pela brutalidade. É preciso defender a humanidade da acusação de que ela também seria brutal se isso não fosse um negócio tão bom. É uma tergiversação engenhosa do meu amigo Feuchtwanger dizer que a vilania precede o egoísmo, mas ele não tem razão. A selvageria não vem da selvageria, mas dos negócios, que dependem dela para prosseguir.

No pequeno país de onde venho, reinam condições menos alarmantes que em muitos outros países; mas semanalmente há uma matança de cinco mil reses. É grave, mas não é uma súbita explosão de sede de sangue. Se fosse, seria menos grave. A destruição de cabeças de gado e da cultura não tem suas causas em instintos bárbaros. Nos dois casos se destrói *uma parte* dos bens produzidos – e com muito esforço – porque eles se converteram em uma carga. Diante da fome que impera nos cinco continentes, tais medidas sem dúvida são criminosas, mas absolutamente não têm nada de premeditado. Na maioria dos países, temos hoje condições sociais nas quais crimes de todas as categorias são regamente premiados e as virtudes custam muito caro: “A



boa pessoa está indefesa e o indefeso é espancado, mas com brutalidade pode-se tudo. A vilania toma medidas para dez mil anos. A bondade, pelo contrário, precisa de um guarda-costas, mas não o encontra.”

Voluntariamente, evitemos pretender que os homens sejam bons! E talvez não pretendamos nada impossível! Não nos exponhamos à acusação de que nós também convocamos os homens para coisas sobre-humanas – de que, à força de praticar virtudes sublimes, sejam superadas condições de vida horrendas, que evidentemente podem ser mudadas, mas não vão mudar! Não falemos apenas em favor da cultura!

Tenhamos compaixão pela cultura, mas primeiro tenhamos compaixão pelos homens! A cultura será salva, se os homens forem salvos. Não nos deixemos arrastar a ponto de afirmar que os homens existem para a cultura e não a cultura para os homens! Temos que pensar muito na prática dos grandes mercados em que os homens servem às reses e não as reses aos homens!

Camaradas, reflitamos sobre as origens do mal!

Muitos de nós, escritores que vivem o horror do fascismo e se horrorizam com ele, ainda não compreenderam esta doutrina, ainda não descobriram as raízes da selvageria que os aterroriza. Há sempre neles o perigo de considerar inúteis as atrocidades do fascismo. Continuam aferrados às condições de propriedade dominantes, porque acreditam que para a defesa delas não são necessárias as atrocidades do fascismo. No entanto, elas são necessárias para a manutenção desta situação. Neste ponto, os fascistas dizem a verdade. Os nossos amigos, horrorizados tanto quanto nós com as atrocidades dos fascistas, mas que querem preservar as atuais condições de propriedade, ou se mostram indiferentes à sua manutenção, não podem fazer uma guerra vigorosa e duradoura o suficiente contra a barbárie predominante, porque não são capazes de ajudar a sugerir e criar as condições sociais nas quais a barbárie seja supérflua. Mas aqueles que na busca das raízes do mal encontraram as condições de propriedade, aprofundaram-se cada vez mais num inferno de atrocidades cada vez mais torpes, até chegar ao lugar onde uma pequena parte da humanidade se instalou e estabeleceu o seu domínio impiedoso. Deparam-se com aquela propriedade do indivíduo que serve à exploração do próximo e é defendida a qualquer custo, com unhas e dentes, abandonando uma cultura que não presta para se defender ou não é mais capaz



de fazê-lo; abandonando, enfim, todas as leis de convivência humana pelas quais a humanidade lutou desesperadamente por tanto tempo e com tanto empenho.

Camaradas, falemos das condições de propriedade!³

³ Texto complementar a esta intervenção: “Um autêntico militante na luta contra o fascismo precisa estar convencido da necessidade de acabar com a causa da barbárie – a propriedade privada dos meios de produção.” (*id. ibid*, p. 177).